

# **O Segredo das Idades e Outros Ensaios Teosóficos**

**C. Jinarajadasa**

**1ª edição – 1926;  
reimpressão – 1927;  
2ª edição – 1988**

**Tradução de: Elza Vieira de S. Teixeira - MST – Loja Rio de Janeiro**

# O Segredo das Idades

Somente quando toda forma de dualidade cessar, pode a alma chegar à sua mais elevada realização: So ham, “Eu sou Ele”, diz o místico hindu, e tenta com essa afirmação abolir a maior dualidade da existência, que é entre o homem e Deus. Islam, “Seja feita a vontade de Deus”, diz o muçulmano devoto, quando procura ser um com a Vontade Divina em todas as suas manifestações.

Todos os homens buscam instintivamente a unidade. Pois o homem é um, e o mundo em que vive, outro. Os dois permanecem em contraste, ora felizmente, ora infelizmente. Como causa ou como efeito o homem e seu ambiente estão continuamente relacionados, cada um sendo alternativamente o precursor do outro. Algumas vezes o homem. Como causa, dita o que o efeito — suas reações física, emocional e intelectual ao seu ambiente — será. Em outras épocas, o que ele sentirá e pensará, será forçado pelos moldes em que sua mente e suas emoções foram colocadas, pelo seu caráter em vidas passadas. Noite e dia, o nosso único problema é fazer uma trégua com o nosso ambiente, para sermos “unos com a vontade de Deus”, ou para “aceitar o nosso Karma”. Expressamos o problema fundamental com diferentes nomes, e até que consigamos abolir a dualidade não há paz no coração, apenas breves repousos pelo caminho numa jornada parecendo sem fim.

Como esse objetivo será alcançado, qual o modo final de existência quando cada vínculo do coração for desatado, e quando, seguros de nós mesmos, olharmos para a eternidade serenamente contentes com o que quer que seja que essa eternidade traga? Um tal objetivo é a promessa oferecida para nós pelos grandes Instrutores, a paz do Nirvana, essa plenitude de bem-aventurança que rompe cada forma conceitual com que tentamos defini-la.

Uma coisa é certa sobre o nosso objetivo. Todos os instrutores atestam que ele não é uma negação, uma vacuidade, um mar vítreo no qual não há movimento. Muito poética é a analogia “a gota de orvalho desliza para o mar brilhante”. Mas o uso da analogia é apenas para sugerir a união do indivíduo com todos os outros indivíduos, e não para sugerir que depois dessa unidade ser atingida o seu resultado seja zero, no que o bem-estar do universo estiver envolvido. Por que deveríamos supor que “atingir a liberação” seja se tornar negativo, desaparecer no universo? Existe qualquer exemplo simples para mostrar que a energia possa ser aniquilada? A energia deve se transformar de uma modalidade de energia em outra. Pode uma avalanche em movimento subitamente perder a sua quantidade de movimento e desaparecer no ar? Não em um mundo da lei natural.

Como então podemos presumir que, porque um mukta, uma alma perfeita, é “liberada”, ela se torna negativa? Pode a energia de um ser poderoso como um Buddha — o Senhor Gautama é sempre descrito como balaviryasamangi, “dotado de força e de poder” — subitamente se tornar nada, porque “Ele entrou no Nirvana” ? Pode a compaixão quase

infinita do Buddha Gautama para com os homens, essa poderosa compaixão para com todas as vidas, que foi o Seu único motivo por centenas de vidas de esforço para chegar ao Budado, a fim de mostrar aos homens o Caminho para a Bem-Aventura, subitamente se tornar nada? Não há nenhum exemplo no mundo natural de uma tal cessação súbita de energia; por que deveríamos presumir que as leis naturais sejam totalmente invertidos no mundo sobrenatural?

Não, ao contrário, a energia deve sempre continuar em suas transformações. A bem-aventurança em Brahman de cada mukta, ou alma liberada, deve produzir de algum modo uma mudança no universo manifestado. A verdadeira consumação da alma subentende a produção de grandes mudanças. Isto é, na verdade, o ponto crucial na evolução do homem. Quando um homem busca dar ao universo uma grande dádiva, então a senda da ida muda para a senda do retorno. “O que eu darei aos meus companheiros ? Como poderei eu ser o espelho de Deus? De que maneira transformarei o universo para o Bem universal?” Quando nascem na alma tais questões, as ilusões criadas pelo eu começam a enfraquecer, e a alma vê claramente. Então, e somente então, a alma ouve o chamado do guru: “Venha!”

“Procura e acharás” é a máxima antiga. Mas o guru, esse Pai em Deus, que é destinado à alma desde o início dos tempos, não é encontrado simplesmente porque os olhos vêem a sua face. Muitos na Palestina viram o Cristo vivo e no entanto conspiraram para matá-lo. Há apenas um caminho para encontrar o Mestre, que é encontrando primeiro o nosso trabalho. Batamos à sua porta com os primeiros frutos da nossa colheita de trabalho, e ele abrirá. Esta é a velha, velha lei que nunca foi rompida. Ao grito de socorro do coração ou da mente, ele sempre envia o seu conforto, mas ele não abrirá. Mas onde o serviço tem sido prestado, e o grito da alma é para prestar ainda maior serviço, então a porta se abrirá de repente às visões de serviço. Mas não necessariamente às visões do Mestre. Se tais visões forem provavelmente úteis ao discípulo, o Mestre as dará, mas a decisão repousa apenas Nele. Mas para as maiores visões de trabalho, quando existe o pedido, a porta é sempre aberta pelo Mestre.

Quando a alma se torna uma com seu trabalho, então a Grande Paz lentamente começa. Daí por diante, a alma está “salva”; ela está salva para sempre da heresia do eu, que é a raiz de toda miséria. Ela então “entra na corrente” cuja maré a carregará para a “outra margem” onde começa a bem-aventurança do Nirvana.

Se apenas pudéssemos olhar corretamente em nosso próprio coração, e ouvíssemos aí a ainda pequena voz, ouviríamos onde está a nossa Senda, e veríamos sempre as visões do nosso trabalho. No fundo de nossa natureza somos altruístas e ansiamos por dar. Mesmo quando somos imprudentes no egoísmo, o grito da alma em nossas profundezas é: “Deixame encontrar como dar.” Quando, com vontade crescente, o coração e a mente são usados para subjugar a sede feroz pela sensação, então, inexoravelmente, aparecem perspectivas de um trabalho. Pois alma e trabalho são termos intercambiáveis, e quanto maior o trabalho mais espiritual será a alma.

Como estátuas em uma galeria, permanecem diante da imaginação arquétipo após arquétipo do que podemos nos tornar. “Venham até mim todos vocês que labutam e estão sobrecarregados, e eu lhes darei o repouso” — e assim brilha em beleza o arquétipo dos Buddhas e dos Cristos. “Recebam a minha força e saiam para a vitória.” — relampeja em esplendor o arquétipo dos Manus. “A sabedoria atinge de um extremo ao outro do mundo;

poderosa e docemente organiza ela todas as coisas” — canta em triunfo o arquétipo dos filósofos. “Quão belas são os pés sobre as montanhas daquele que traz as boas novas.” — revela na alegria o arquétipo dos artistas. “Na chama da minha devoção sejas tu purgado do pecado.” — sussurra o arquétipo dos santos. Advogado e santo, professor e administrador, curador e artista, organizador e pioneiro, esses e muitos outros tipos de trabalhadores existem no mundo das idéias como arquétipos — essas corporificações do bem, do verdadeiro e do belo, nas quais a Mente Divina quis se manifestar na eternidade.

Quando com imaginação treinada a alma medita sobre a história de suas dores, e vê elevando-se de suas chamas vívidas o arquétipo do que ela será, então nada permanece a não ser ser una com ele na felicidade e na miséria, na vitória e na derrota. Um novo Rahasya ou “segredo das idades” é daí por diante a nova palavra de poder da alma — tat karma, tad asmi, “o trabalho que sou eu.” Todas as experiências são então propositadamente forjadas como instrumentos para esse trabalho. Mesmo na câmara de tortura da vida, a contemplação do trabalhador é o seu arquétipo, e com o seu alento moribundo ele sussurra e dá testemunho, “O Trabalho, que sou eu”.

Não existe nenhum conforto final na vida, exceto em nosso trabalho. Mãos amorosas poderão nos dar alegria e repouso, mas a mensagem de amor é sempre que nós podemos nos preparar para um labor mais árduo. Para aquele que viu o seu arquétipo, nenhuma dor ou desapontamento poderá desfigurar o seu entusiasmo, nenhum céu poderá tirá-lo de sua realização. Os dois universos da alma e do ambiente da alma começam a se fundir em um, à medida que o trabalhador se torna cada vez mais digno de seu trabalho.

Quando a alma não puder nunca mais ser desviada de seu trabalho, quando a alma e seu trabalho forem um e não dois, então o objetivo estará atingido.

Este é o último trabalho do Mestre com seu discípulo. O aspirante e a senda devem se tornar um, diz um antigo manual. É para essa união que a vida nos pressiona a todos. Mas quão brilhante é a senda, quão estimulante mesmo são seus perigos, quando a alma viu o seu arquétipo e fez o voto “Esse sou eu”. Uma tal alma não necessita mais de um guia, nem mesmo de um deus para adorar, diferente do seu trabalho. Aquela alma que se atreve a ser assim livre de sacerdotes e de livros, una com o seu trabalho, essa alma sozinha chegará à libertação.

**extraído de: “O Segredo das Idades e Outros Ensaios Teosóficos, C. Jinarajadasa**

**1ª edição – 1926; reimpressão – 1927; 2ª edição – 1988**

**Tradução de: Elza Vieira de S. Teixeira - MST – Loja Rio de Janeiro**

# O Construtor de Pontes

Existirá dificilmente uma criança que não tenha olhado para as nuvens vendo-as se arrumarem em terraços e parques, em montes e fortalezas. Algumas vezes as nuvens tomam a forma de animais enormes, outras vezes de rostos monstruosos. Quando a nossa imaginação trabalha dessa maneira, todas as nuvens sugerem alguma forma sólida. Essa imaginação não é uma simples criança; a perspectiva das nuvens nos lembra vividamente objetos já vistos. Essa “sugestão” das nuvens foi experienciada pela maioria de nós quando criança.

Obviamente alguma faculdade imaginativa é requerida na criança para ver uma massa de névoa como algo sólido vivo. Mas a quantidade de imaginação não é muito grande. Todavia, qualquer que seja a quantidade por nós possuída dessa imaginação, usualmente a perdemos muito, se não de todo, mais tarde. Porém, se ao crescermos a nossa educação não nos abafar, não colocar rótulos em nós, mas se ela aqui e ali nos revelar vislumbres de um mundo não puramente material, então a nossa imaginação irá reviver, e mais uma vez os objetos materiais começarão a ter um caráter simbólico. Na verdade pode ser dito que quanto mais educado for um homem, mais simbolicamente ele vê a vida. A vida para um homem culto é sempre sugestiva. Mas de quê?

Existe um bosque perto e todo dia passo por ele. Há dias em que o ar está pesado, e cada árvore é como uma sentinela. Quando olho, há uma mudança em minha mente e, subitamente, é como se as árvores, a luz brincando sobre elas, o céu visto através delas, tudo se tornasse como uma janela pela qual eu olho para algo. As paisagens têm sempre esse efeito sobre mim; minha mente é mantida quieta, de modo que a faculdade de pensar fica tensa, não mais pensando; porque o que se apresenta diante da minha mente não pode ser colocado claramente em termos do pensamento. O que é isso para o qual eu olho, através dessa janela que é a paisagem?

Um efeito diferente é produzido em muitas pessoas pelo mar. Para Byron que era uma típica alma do mar, o mar — não plácido, mas com grandes ondas — era como uma mão poderosa que acalmava ternamente a sua natureza e o acariciava. Para muitos, especialmente nas terras do norte, o mar é como uma face, cuja visão leva a uma regeneração em pureza e força. Não há nada para eles tão animador como estar numa praia, as ondas raivosas à sua frente, o vento de tempestade quase as arrasando; toda essa fúria para eles é um grande bálsamo.

Diferentes deles são as almas das montanhas. A primeira visão dos montes é como se um grande manto que os sufocava na vida fosse removido. Eles começam a respirar sem sufocação; é como se ouvissem vezes que lhes falassem da força ilimitada e da paz das idades. A temperatura e a tensão da vida que os rodeavam nas planícies passam a ser orientadas de uma nova maneira nas montanhas, de modo a tornar a vida mais suportável. Há mais vida para eles viverem, porque as montanhas a deram.

O mar, a paisagem e as montanhas podem se tornar janelas para se olhar para um outro mundo. Os seus amantes não podem necessariamente descrever esse outro mundo, a

não ser em termos deste. Mas o que eles sabem precisamente é que esse mundo não é este. A sua grande descoberta está justamente nessa distinção; para eles o cumprimento da vida consiste em escapar deste mundo para o outro. Não que este mundo dos deveres diários não seja real; mas a sua realidade é derivada, e não intrínseca. Ela se torna grandemente simbólica. Mas, uma vez mais, simbólica de quê?

A vida constantemente nos obriga a contatar esse misterioso outro mundo. Não somos levados gentilmente para ele, nem atraídos por agrados. Com a maioria de nós, a vida fere frequentemente, até que abramos nossos olhos para esse outro mundo. Certamente existem muitos da terra, térreos, que se recusam a levantar seus olhos do mundo sensorial para um mundo supersensorial. Mas eles são como calosidades no tegumento da vida, e as energias sutis da vida dão a volta por eles, e os deixam com a sua materialidade. Esquecendo esses fracassos temporários da vida, encontramos que a maioria dos homens muda da infância para a velhice, não apenas corporalmente, mas também em resposta ao ambiente invisível. Essa mudança consiste principalmente em ver ou sentir o outro mundo através deste.

Naturalmente que as pessoas profundamente religiosas tecem as cores do céu em volta das sombras da terra. Mas o céu teológico não é o único aspecto do mundo além. Quando um poeta olha para a concha do náutilo, e vê aí as “majestosas mansões” da alma, ele olha através da concha para um mundo de realidade maior. O mundo do poeta possui uma qualidade de realidade, comparadas com a qual cataratas e cadeias de montanhas são feitas de meros sonhos. Todas as artes são uma afirmação para nós do mundo além, em termos do nosso mundo. Não há necessidade de classificar esse outro mundo; as rótulos não transmitem nada para aquele que ainda não o descobriu. O Céu, o Mundo dos “Noumenos”, Avyktam, o Belo, estes e outros são rótulos que usamos; mas a realidade transmitida por eles existe apenas para aquele que a encontrou pela experiência direta.

Talvez a arte entre as artes que conduza aos mais altos níveis do simbolismo seja a música. Não existe janela como a da música para contemplar esse mundo além. É um mundo que frustra a afirmação. Uma frase musical insinua; uma sinfonia dá uma mensagem a ele relacionada. Mas nós daremos o nome errado se usarmos os nossos termos musicais para a sua natureza. Uma frase dolorosa em música, embora sintetizando todas as dores dos homens, nos fala de algo para o qual o nosso rótulo é dor, mas que, na sua natureza intrínseca, não é de modo algum dor. O que é, as faculdades do homem não podem captar. A morte de Napoleão pode ter sido o estímulo para Beethoven criar a marcha fúnebre na Sinfonia Heróica, mas a marcha não nos fala da morte de nenhum herói, nem de outra qualquer forma de morte. Ela nos fala de um mundo totalmente outro que não é o nosso, do qual contatamos apenas um fragmento por um tentáculo nosso que chamamos de “pesar”. Assim é com cada qualidade do coração e da mente retratada na música. A música não afirma as nossas qualidades nem mesmo em suas formas sublinhadas. A música descreve o seu próprio mundo, e nossos humores com seus rótulos humanos são apenas fontes para atravessar para o mundo da música. Mas a ponte não é a outra margem.

Assim são todas as nossas experiências. Elas são apenas fontes do mundo dos sentidos para o mundo supersensorial. Somente o homem de muitas fontes é que vive para algum propósito verdadeiro. Livros, religiões, filosofias, ciências e artes — e ainda mais, nossas dores verdadeiras — para que são úteis a não ser para construir pontes?

Requer-se sobre si mesmo uma vigilância constante para não se ficar tão preso aos negócios da vida, que se esqueça da verdadeira ocupação da alma, que é construir pontes. Chega o tempo em que o corpo se gasta, os sentidos estão embotados, e os negócios da vida se afrouxam. Então, somente uma atividade torna ainda a vida suportável, é cruzar e recruzar nossas pontes, até que nos tornemos tão familiarizados com o mundo além, que esperamos ansiosamente o dia quando não houver retorno após o cruzamento. Mesmo muito antes desse dia, se formos especialistas em construção de pontes, a proximidade e a preciosidade desse outro mundo nos rondam noite e dia, tornando a vida fora dele um perpétuo pesar.

Devemos viver neste mundo de cinco sentidos. Porém poucos sabem como viver. Eles se apegam à coisa, e perdem o símbolo por ela transmitido. O amigo, em seu corpo de carne, de tantos quilos de peso, é real para eles; o pensamento do amigo sozinho não é suficiente. Eles pensam que vêem o amigo quando olham em seu rosto; eles não sabem que símbolo maravilhoso ele se torna, quando o corpo é substituído pelo pensamento, e que, quanto mais simbólico ele se tornar, mais dele estará se auto-revelando.

Através de todos os nossos dias, é essa qualidade simbólica da vida que sozinha é o ponto de felicidade e de paz. Pois as coisas do nosso mundo são transitórias, e a ferrugem do tempo cobre-as todas. Mas se virmos esse outro mundo, então o desaparecimento de tudo o que torna a vida “digna de ser vivida”, como o homem chama a vida, não é uma perda mas um ganho. Pois lentamente esse mundo transcendental se torna nosso — esse mundo das coisas eternas e infinitas, que não podem nunca nos deixar, porque nos tornamos unos com elas.

Fosse eu o guardião do portal do céu, e as almas chegassem para aquele lugar de paz e bem-aventurança, eu perguntaria a cada alma: “O que você trouxe?” Se a resposta fosse: “Eu trouxe o mundo dos Vedas — ou da Bíblia — ou do Corão”, eu não abriria. Mas se a resposta fosse: “Eu trouxe o meu mundo”, eu faria mais uma pergunta: “Qual é a verdade nesse mundo?” E se a resposta fosse: “Esse é o meu mistério”, diria: “Passe, Irmão, você encontrou.”

**extraído de: “O Segredo das Idades E Outros Ensaios Teosóficos”, de C. Jinarajadasa**

**1ª edição – 1926; reimpressão – 1927; 2ª edição – 1988**

**Tradução: Elza Vieira de S. Teixeira – MST – Loja Rio de Janeiro**

# O Ponto e o Círculo

Que coisa mais perfeita do que o círculo poderá a mente contemplar? A imaginação vê esfera após esfera sugeridas pela sua circunferência; todo o universo nesse momento é como se fosse mantido dentro dessa linha sem fim. E não menos maravilhoso é o ponto. Pois o que é o círculo senão um centro que se expandiu? Apague a circunferência deixando apenas o centro, e a circunferência será chamada quando quiser a vir a ser do ponto, que não tem nem comprimento nem largura. O ponto com sua ausência de todas as dimensões, e a esfera tri-dimensional que sai desse ponto, não são eles, de um certo modo, um e o mesmo?

Assim penso eu que são o homem e Deus. Deus é infinito, e o nosso melhor símbolo Dele é o universo. O homem é infinito, e quando comparado a Deus, não há melhor símbolo do homem do que o ponto. E ainda, se conhecermos o que o ponto é, o círculo se torna conhecido.

Até agora aplicamos toda a nossa contemplação no círculo, porque ele é tão belo que, quando olhamos para o ponto ele parece insignificante e desprezível. Mas daí saem todos os nossos quebra-cabeças. Tudo porque centramos a nossa contemplação na circunferência, a vida algumas vezes nos parece incompreensível, e muitas vezes nos sentimos compelidos a dizer que os caminhos de Deus não são os caminhos do homem.

Não tentaremos, então, compreender o que é a natureza do centro, para depois atingir a circunferência? Que mistérios conterà o homem? Todas as ciências são como o alfabeto da linguagem perfeita com a qual descreveremos o homem. Não é o próprio homem todos os reinos — mineral, vegetal e animal? Cada célula do corpo do homem contém tudo o que os mineralogistas descobriram sobre as formações dos cristais. Cada órgão da estrutura do homem sintetiza a longa história da evolução vegetal e animal. Não nos dizem os psicanalistas que todas as idades, com suas tempestades e tensões, habitam hoje alguma parte por trás dos pensamentos e sentimentos do homem? Um rolo de filme, como um simples filme, é apenas uma coisa sem valor; mas coloquem esse filme num projetor de cinema e a vida — alegre ou triste, boa ou má, mas sempre emocionante — passará a existir. Assim também cada homem é um palco-miniatura de todas as grandes ações e acontecimentos do mundo, do passado e do presente. Tudo o que é cognoscível conduz primeiro ao homem, embora conduza depois a Deus.

Por que nós nos voltamos do homem para Deus? Não será o homem suficiente? Quando um ser humano, como nós, torna-se nosso amigo, não será a vida agradável por causa disso? E no caso do amor, como o amor da amante para o amado, nós então não tocamos a imortalidade e a glória infinita, e não tornamos no momento como o próprio Deus? Não será o ser humano suficiente?

Assim, muitos esperam que a vida comece em sua verdadeira perfeição somente em algum futuro bem distante, além do túmulo, em algum céu. Mas o sorriso de uma criança poderá abrir a porta do céu, e não estará o próprio Deus mais perto quando estamos com quem amamos e os dois universos se misturam um ao outro?



Que aventura mais gloriosa existirá do que encontrar o homem? Ele está em toda parte, embora ele sempre se esquive. Nós o prendemos em nosso abraço, e pensamos que encontramos, e olhando-o, é apenas um tanto mais de substância; ele escapuliu e nos acena em outro lugar. Encontrá-lo é perdê-lo, pois cada descobrimento apenas afirma o seu mistério com maior insistência. Porém cada vez que o encontramos, o nosso coração canta de alegria.

Para que é o homem o ponto mas Deus o círculo? “Como o cervo suspira pelas águas do rio, assim suspira minha alma por Ti, Ó Deus”. Porém, no dia quando, assim como o cervo suspira pelas águas do rio, o homem anelar pelo homem, então Deus está aqui.

Esta é a Vida, como alguns de nós a conhecem. Planejar, labutar com o homem, ser martirizado com ele, sacrificar-se por ele, isto é o bastante para nós, justamente porque, além de toda afirmação, incompreensível e infinitamente belo é Deus, e nós O encontramos também.

O ponto e o círculo — a unidade e o todo, a forma e a vida — segurando-nos um após o outro, e ambos são o céu.

**Extraído de: “O Segredo das Idades e outros Ensaio Teosóficos”, C. Jinarajadasa**

**1ª edição – 1926; reimpressão – 1927; 2ª edição – 1988**

**Tradução de Elza Vieira de Souza Teixeira - MST – Loja Rio de Janeiro**

# Neti, Neti

Existe uma palavra sânscrita que é reconhecida como sintetizando o mais elevado ensinamento dos sábios hindus. É 'Brahman', que significa Existência Una, cujas únicas características cognoscíveis para nós são *sat*, *chit* e *ananda* — existência, inteligência e bem-aventurança. Ao “conhecedor de Brahman” o mistério da existência está resolvido; não há dualidade de Deus e Não-Deus, do bom e do mau, do prazer e da dor, do alto e do baixo. Raça e religião, cultura e casta são para ele apenas rótulos que falsificam o fato fundamental de que existe em tudo uma Vida Una indivisível — “o Um sem segundo”. O sábio aceita cada forma de vida como a Vida Una, inescrutável e inspiradora. Essa compreensão de Brahman é tão poderosa para tudo transformar, que era dito antigamente: "Se fores contar isto a um galho seco ele irá lançar folhas e flores!"

A verdade no tocante à unidade de toda vida não é, naturalmente, a descoberta apenas dos sábios hindus. Toda escola filosófica que existiu, desde a Atlântida aos dias modernos, afirmou essa grande verdade de uma ou de outra forma. As formas necessariamente variam. A concepção platônica do Ser, com seus atributos do bom, do verdadeiro e do belo, é uma forma, enquanto que os filósofos cristãos com seu ensinamento sobre a transcendência e a imanência de Deus dão outra. Uma outra forma fascinante, também, é a de Lao-Tzu, com o seu ensinamento concernente ao Tao, o "Caminho".

Porém existe uma segunda palavra na filosofia hindu que é menos conhecida que Brahman, e que expressa uma verdade não proclamada por outras filosofias. Essa palavra é Neti, que na realidade é composta de duas palavras sânscritas *na-iti*, cujo significado é “não assim”. Faça a asserção que quiser, e sua negação poderá ser dada com as palavras na-iti - “não assim”. Mas a palavra Neti é usada na filosofia hindu em uma concepção estupenda, que é o clímax da realização dos sábios hindus.

Colocando de maneira breve, Neti significa que, qualquer que seja a asserção que vocês fizerem concernente à natureza de Deus, a Realidade Suprema, e por mais inspirada tenha sido a sua proclamação, ela não é a verdade. Pois o que quer que seja proclamado sobre a natureza dessa Realidade, não é a verdade a ela concernente. Para tornar o pensamento mais preciso, suponhamos que um Grande deva tenha vindo e dito que conhecia Deus, descrevendo os seus atributos. O sábio hindu aspirando à verdade dirá simplesmente “Neti, Neti” — “não assim”, “não assim”, significando que por nenhum atributo fenomenal poderá a Realidade ser conhecida. O sábio iria ainda mais longe ao dizer “Neti, Neti”, mesmo se o Senhor Supremo, o próprio Ishwara, permanecesse diante dele como o revelador da Realidade. Pois nada corporificado poderá revelar a Realidade; por nenhum termo do manifestado pode o imanifesto ser conhecido. É, portanto, um axioma que o que quer que seja experienciado é apenas a realização de algum atributo da Realidade, mas não a própria Realidade.

Para cada experiência, embora espiritual e transcendente, o sábio deve dizer “Neti, Neti”. Onde irá terminar a sua busca da Realidade ele não sabe, mas à medida que se eleva de plano em plano, e parece chegar cada vez mais perto do Centro, ele deverá sempre dizer

a cada plano “Neti, Neti”. Pois enquanto existir algo externo a observar, o que ele observa não pode ser a Realidade.

Essa intransigência do sábio hindu é estranha à filosofia ocidental. O que o Ocidente atingiu de mais elevado foi, indubitavelmente, a maravilhosa concepção de Platão, que ele coloca nos lábios de Diotima, a profetisa que instruiu Sócrates em relação à natureza do Um:

“Convém que aquele que quiser ir por um reto caminho até a meta, comece desde jovem a se dirigir aos corpos belos, amar primeiro um só corpo e criar belos discursos; compreender depois que a beleza que reside em qualquer corpo é irmã da que reside no outro, e que se o que se deve perseguir é a beleza da forma, é grande insensatez não considerar que é uma só e idêntica coisa a beleza que há em todos os corpos belos e acalmar esse apego veemente a um único, desprezando-o e considerando de pouca monta.

Depois disso, ter por mais valiosa a beleza das almas que a dos corpos, de tal modo que se alguém tiver uma bela alma, ainda que seu corpo seja pouco gracioso, basta isso para amá-lo, mostrar-se solícito, criar e buscar palavras tais que possam tornar melhores os jovens, a fim de ser obrigado novamente a contemplar a beleza que há nas normas de conduta e nas leis, e a perceber que tudo isso está unido por parentesco a si mesmo, para considerar assim que a beleza do corpo é de escassa importância.

Depois das normas de conduta ele será levado às ciências, para que veja também a beleza das ciências, dirija o seu olhar a toda essa beleza, que é muita, e não veja, a seguir, um homem vil e de espírito mesquinho, servindo à beleza que reside em um só ser, ou em uma norma de conduta, mas que volte o seu olhar para esse imenso oceano de beleza e, sua contemplação faça-o criar muitos belos e magníficos discursos e pensamentos de inesgotável filosofia, até que, robustecido e elevado por ela, vislumbre uma ciência única, a ciência única, a ciência da beleza infinita.

Pois aquele que até aqui tem sido educado na inteligência do amor, e contemplou nessa ordem e na devida forma as coisas belas, dirigindo-se para o grau supremo de iniciação no amor, adquirirá de repente a visão de um SER maravilhosamente belo; aquilo precisamente por cuja causa tiveram lugar todas as fadigas anteriores, o UM que existe sempre, não nasce nem morre, não cresce nem decresce, não tem mudança, nem desvio, nem alteração. Nem se lhe representará a beleza como um rosto, nem como mãos, nem outra coisa corporal, nem como um raciocínio, nem como um conhecimento, nem residindo em outra coisa que não ela mesma; nem no animal, nem no homem, nem na terra, nem no céu, nem em qualquer outra criatura; mas a própria Beleza em si, sozinha, única,

separada e eterna, a Beleza da qual participam todas as coisas belas de uma maneira tal, que ainda que nasçam e morram, não aumenta ela em nada, nem diminui, nem sofre variação alguma em absoluto. E aquele que sendo conduzido e elevando-se pelos amores humanos começa a ver essa Beleza, ele não está longe, digo eu, de atingir o fim de tudo.” (\*)

Nessas palavras magníficas de Platão temos o mesmo ensinamento dos Upanichads. Revelando o Um com os atributos do Deus Pessoal, o Shvetashvatara Upanichad canta:

“Podemos conhecê-lo o Senhor supremo dos senhores, do deus supremo dos deuses, o rei dos reis, supremo do supremo, senhor do universo, o Deus a ser adorado.

Chegas a ser mulher e homem e jovem e donzela; e na velhice com bastão hás de apoiar teus passos; tu nasceste com rosto em todas as partes.

És o inseto azul, o pássaro verde, o animal de olhos vermelhos, a nuvem que carrega o raio em seu útero, as estações e as marés, és sem princípio. No poder onipresente tens teu lar, de onde nasceram todos os mundos .”

O sábio hindu curva-se em reverência diante da borboleta azul e do pássaro verde, diante da pedra e do cachorro, e sussurra para si ‘Brahmam’! Mas prontamente, pelo efeito nele dessa gloriosa verdade, ele murmura: “Neti , Neti” , e passa adiante.

O ensinamento de “Neti” será então uma negação de que a verdade poderá ser encontrada? Poderá o coração do homem nunca chegar ao repouso? Não é o que o ensinamento diz. Os sábios prometem repouso — o repouso eterno. Mas eles nos avisam contra o pensamento de que o repouso é onde existe o Deus Pessoal. A Índia não seria a Índia se ela parasse na concepção, embora elevada de um Deus Pessoal. Daí porque a Vedanta proclama que Ishwara, o Deus Pessoal de um universo criado, é apenas uma emanção. Por trás dele existe o Absoluto do qual emanou. Daí também porque o Budismo ignora completamente o problema da natureza de Deus. O pensamento hindu sempre paira no empíreo, daí ele parecer aos místicos ocidentais movendo-se em um frio nada, onde a alma é congelada na inconsciência. Todavia, a maior contribuição da Índia ao desenvolvimento espiritual do mundo é “Neti, Neti” — “não assim, não assim “.

“Neti” é um dizer árduo, mas é o único cajado que o peregrino encontra para se apoiar até o final. “Neti” é o que a vida lhe ensina. Mulher e filho, honra e fama, sabedoria e trabalho, tudo isso o prende alternadamente, e a vida parece por um instante feri-lo. Então, seu próprio passado, seu próprio Karma, vem para ensiná-lo pela dor e pela renúncia a lição de ‘Neti’ . Mais tarde virá o estágio em que “Guru é Brahman, Guru é Vishnu, Guru é Mahadeva, sim, Guru é o próprio Brahman.” Mas a vida ensina-o ainda a murmurar “Neti, Neti”, mesmo que ele deva tudo o que é ao seu Guru. Cada vez mais alto, ele vai de uma emanção para outra; “Neti, Neti” ele ainda murmura. No último estágio exceto um, mesmo diante do próprio Ishwara, e mesmo enquanto uno com o seu Senhor, ele ainda deve murmurar: “Neti, Neti”.

Somente quando permanecermos sozinhos, totalmente despídos de todas as coisas de todos os planos, não contando com nada, nem mesmo com Deus, vislumbraremos a verdadeira natureza da Realidade. Então, espantará pouco que Luz no Caminho conclua com essas três últimas regras para guiar aquele que está no umbral da divindade:

“Aferra-te ao que não tem substância nem existência.

Não ouças senão a voz que é insonora.

Não olhes senão o que é invisível,

Tanto ao sentido interno como ao externo.”

Enquanto existirem uns poucos nesta terra antiga que sussurrem “Neti, Neti”, a vida indiana não mudará fundamentalmente. E embora eles pareçam permanecer à parte do mundo, habitando nas ermidas das florestas, ou nas cavernas das montanhas, eles dão uma unidade e coerência aos sonhos do mundo de paz e salvação. Pois a salvação é de dentro; deve ser assim, pois o homem e Deus são um, não dois. O é caminho interior, onde termina o caminho exterior, que é “Neti, Neti”.

(\*) Platão — “ O Banquete” - N. T.

**Extraído de: “O Segredo das Idades e outros ensaios Teosóficos” , C. Jinarajadasa**

**1ª edição – 1926; reimpressão – 1927; 2ª edição – 1988**

**Tradução de: Elza Vieira de S. Teixeira - MST – Loja Rio de Janeiro**

